ISBN: 978-85-7205-159-0

Visões sobre América Latina nos livros didáticos de Geografia

Beatriz Montagnolli

Discente do curso de Licenciatura em Geografia no Instituto Fed1eral de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)

beatriz.montagnolli@gmail.com

Resumo

Este artigo busca analisar como é abordado o tema América Latina nos livros didáticos de Geografia para o ensino médio, considerando seu recorte geográfico, suas especificidades culturais e econômicas, e a origem e conceito do termo "América Latina". Os livros didáticos foram escolhidos por serem considerados o material de maior alcance e credibilidade dentro das escolas, ainda que possam apresentar uma abordagem inadequada não só desse tema, mas de outros. Durante o artigo, é mostrada a importância de ser revisada a forma com que o assunto é exposto aos alunos, visto que a generalização e simplificação são comuns na maioria dos livros, e afastam o aluno da compreensão da singularidade de cada país latino americano e da consequência que o termo teve na história cultural desses países.

Palavras-chave: América Latina; Livro Didático; Ensino de Geografia; Identidade.

Abstract

This article seeks to analyze how Latin America, as a theme, is treated in Geography didactic books, considering its geographic delimitation, its cultural and economic specificities, and the origin of the term and concept of "Latin America". The didactic books where chosen for being considered the most far-reaching and reliable material in schools, even though they present an inadequate treatment of not only Latin America, but other subjects as well. Along the article it's shown the importance of revising the way the subject is exposed to students, since generalization and over-simplification are common in most of the books, keeping the students from understanding the singularity of each Latin American nation and the consequences of the term on these countries' cultural History.

Keywords: Latin American; Didactic Book; Geography Teaching; Identity.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Apresentação

Este trabalho busca analisar as visões de América Latina presentes livros didáticos de Geografia, considerando três aspectos que geralmente são abordados: história e propósito do termo América Latina; identidade latino-americana; e América Latina enquanto recorte geopolítico e espacial.

O estudo visa discutir esses três temas, considerando os debates que perduram até hoje sem respostas definidas, e averiguar como são apresentadas nos livros didáticos de Geografia, mesmo que apresentem considerações generalizantes que tendem a reforçar estereótipos e não abordar da maneira regional, como seria ideal. A simplicidade com que o tema é abordado afasta o estudante de diversas informações e reflexões, conduzindo-o a imagem de uma América Latina homogênea, que não considera as especificidades de cada país, além de desconsiderar suas histórias e a criação de uma identidade cultural particular de cada região, aliada às consequências que o termo produz, que serão tratadas mais adiante, como observado nas análises feitas.

O tema também aparece relacionado ao estudo da colonização dos países americanos e seus processos de independência e da política imperialista dos Estados Unidos da América ao se apropriar do nome de todo o continente contribuindo para a marginalização dos outros países, sendo denominados de "latinos" pejorativamente. Isso permite uma interdisciplinaridade com a História e a Sociologia, que pode ser explorada para uma melhor abordagem em sala de aula e que será exposta no decorrer deste artigo.

Além disso, é exposta aqui uma reflexão acerca da origem do termo e da busca por uma identidade latino-americana. Observou-se que a preocupação nos livros didáticos é com o momento de ruptura no continente entre latinos e anglo-saxões, onde houve a valorização dos países anglo-saxões (principalmente dos Estados Unidos da América, pela apropriação do termo "América"), e a desvalorização dos países latinos, que se viram sem uma identidade clara e com suas populações indígenas e afrodescendentes discriminadas. Apesar dessas colocações, pouco é mostrado no que se refere às consequências regionais e sociais desse processo, tornando a informação limitante a uma Geografia dependente de dados gráficos e ainda assim generalizante, sem a interpretação adequada dessas informações.

Entra também na discussão deste artigo o uso de "América" para os Estados Unidos e a "americanização" (América para os americanos, doutrina Monroe) no século XIX; os questionamentos feitos acerca de se o Brasil se enquadrava na América Latina; se o recorte atual de América Latina é adequado ou não; e se é possível, afinal, falar de uma identidade latino-americana.

O conceito de América Latina

O estudo da criação do conceito de "América Latina" traz uma ampla perspectiva da história dos países americanos, o que permite a análise de sua construção cultural, histórica e espacial. Um dos aspectos mais evidentes para diversos autores que estudam o tema é que essa denominação acabou por desvalorizar os povos indígenas e negros, já que o conceito era utilizado por autores europeus, que viam e colocavam esses países como periféricos e explorados, ignorando a população nativa (ARDÃO, 1980) Sendo assim, o debate era sobre qual é a definição de América Latina e quais países compõe esse grupo, tópico controverso até os dias atuais.

Para Alain Rouquié (*apud* FARRET; PINTO, 2011, p. 31), é impossível definir América Latina não só em termos geográficos, mas também em termos culturais, já que não está incluso o Canadá francês que entraria nessa classificação cultural. Outro aspecto a ser considerado são as contradições em abordar todo esse território de forma homogênea, já que se trata de uma área extensa e por isso diversificada em questões culturais, étnicas, linguísticas e econômicas, com uma classificação que pouco considera os povos originários dessas terras, deixando-os excluídos do processo de formação da identidade do continente e dos seus países.

Arturo Ardão (*apud* FARRET, PINTO, 2011, p. 32) discute o processo da busca de uma identidade latino-americana a partir de três momentos: o primeiro, para ele, é a ainda ausência de um recorte geográfico; o segundo é a percepção da existência dessa região, porém sem um nome definido; e o terceiro é a união desse recorte geográfico com a atribuição de um nome. Para explicar essa classificação, Ardão exprime que esta região não se chamava América logo quando Colombo chegou às Antilhas, mas sim que a partir desse momento tal classificação teve início, com a crença de que se tratava da Índia e não de um novo território, que posteriormente seria chamado de Novo Mundo. Essas três etapas duraram de 1492 até 1507 e o final desse processo consolidou o nome "América", porém não excluiu outras nomenclaturas. Arturo não deixa de ressaltar, que tal nomenclatura não serviu de imediato aos interesses da elite espanhola já que a ideia de "americano" não era compartilhada por todos.

A crise pela falta de identidade surgiu quando as colônias começaram a buscar sua independência. Se antes aceitavam serem chamados de *criollos* ou de "espanhóis das Índias" agora precisavam se diferenciar de seus inimigos e por isso fazia parte da emancipação impor ser chamado de "americano" (MIX *apud* FERRET; PINTO, 2011, p. 33). Mas, além disso, representava uma unidade em criação com a intenção de se proteger de futuros ataques das metrópoles. Os ataques que sofreram durante o processo de independência (e nesse caso reitera-se que esses ataques eram realizados não só pelas potências europeias, mas também pelos Estados Unidos), fizeram com que os países colonizados pela Espanha buscassem essa

unidade, surgindo a denominação para esses países de hispano-americanos, unidos pela proximidade cultural que possuíam.

Já os Estados Unidos, nessa mesma época (século XIX), surgiam como uma potência regional, e com a Doutrina Monroe surgiu o lema "A América para os americanos", ficando claras suas intenções imperialistas. Para os Estados Unidos, essa identidade surgiu para se reafirmar como independente e o lema buscava afastar os países europeus não só desse país, mas de todo o continente. Todavia a representação real era de "A América para os norte-americanos", e isso acabou por deixar os demais países sem uma identidade e marginalizados, no momento em que precisavam se reafirmar para o mundo como independentes, realçando a necessidade de se criar uma célula além de latino americana também hispano-americana.

Ao falar dos países latino-americanos, também era questionado entre os séculos XVIII e XX se o Brasil estaria no quadro ou não, havendo uma discordância entre os latino-americanos e os próprios brasileiros. O país só foi abarcado pelo conceito quando começou a se falar em *Latin America*, ou seja, quando os países europeus e os Estados Unidos colocaram o Brasil dentro da classificação, no período da Guerra Fria (JAMES, 1942). Isso aconteceu porque primeiramente a América Latina era considerada a América Espanhola, e o Brasil por ser de colonização portuguesa, era considerado como América do Sul, não associado a América Latina.

América Latina nos livros de Geografia

Nesta pesquisa foram analisados três dos livros de Geografia mais conhecidos para o Ensino Médio e utilizados no mercado, o livro *Geografia* (2011) de João Carlos Moreira e Eustáquio de Sene, *Conexões, estudos de Geografia Geral e do Brasil* (2013) de Lygia Terra *et al* e *Geografia do Brasil e Geral, povos e territórios* (2005) de Vagner Augusto da Silva. Todos os livros apresentam pelo menos um capítulo que fala sobre América Latina não só em relação ao clima, vegetação e relevo, mas também em relação a índices socioeconômicos. O livro de Silva foi escolhido para ser abordado aqui com mais ênfase devido a sua maior atenção para o tema, talvez por ser um volume único elaborado para ser usado ao longo dos três anos do Ensino Médio.

O autor dividiu o livro em três partes, sendo a primeira os aspectos geográficos do Brasil, os aspectos geográficos dos países desenvolvidos, e por último os aspectos geográficos dos países subdesenvolvidos Segundo o autor, como é dito na apresentação do livro, tal divisão foi feita "por acreditar que ela viabiliza o desenvolvimento dos assuntos tratados, por parte do professor, sem sacrificar o princípio da Geografia referente à localização espacial dos fenômenos estudados" (p. 3). Com essa premissa, a América Latina é abordada na unidade 3, "Geografia dos países subdesenvolvidos", com o

ISBN: 978-85-7205-159-0

primeiro capítulo dando uma explicação sobre a definição e índices de países subdesenvolvidos; o segundo capítulo, tratando de México e América Central; o terceiro falando sobre a América do Sul; quarto, Ásia: Oriente Médio; quinto, subcontinente indiano e sudeste asiático; sexto, Ásia: o extremo oriente; e por fim, os dois últimos capítulos tratando da África.

Foram nomeados todos os capítulos da unidade para questionar a divisão do autor e destacar a contradição entre a proposta e a execução, considerando a ideia do autor de fazer tal divisão para proporcionar o "princípio da Geografia referente à localização espacial dos fenômenos estudados", mas dividir de uma forma que não oferece uma visão espacial. Isso porque os continentes são divididos entre subdesenvolvidos e desenvolvidos, separando América Latina de América Anglo Saxônica, contribuindo para a visão que inferioriza a América Latina e não demonstra a proximidade entre os países. Além da separação nos outros continentes.

Referente ao México, o autor traz os aspectos naturais do país; os aspectos humanos, no que diz respeito ao crescimento populacional e a sua composição; um breve quadro histórico e geopolítico, que mostra apenas o processo de colonização do México; e os aspectos econômicos. Sobre a América Central, presente no mesmo capítulo, também são apresentados os aspectos físicos, os aspectos humanos e econômicos e a importância estratégica do canal do Panamá. Nessa parte não são feitas muitas diferenciações de um país para o outro, há apenas algumas tabelas que diferenciam os países em questões populacionais e agrícolas. Os únicos países destacados são o Panamá, com uma história sobre o canal, e Cuba, que tem apenas sua abertura para o capital estrangeiro trabalhada no livro.

O próximo capítulo, América Latina: América do Sul, também traz os aspectos naturais, de forma mais detalhada que o capítulo anterior, mostrando bacias hidrográficas, o *El Niño* e *La Niña*. Traz os aspectos históricos e geopolíticos, o que não diferencia do capítulo anterior ao trazer o processo de colonização, e traz os aspectos humanos e econômicos fazendo uma divisão entre América Platina e América Andina. Ambos com tabelas que demonstram a composição populacional e a densidade demográfica. O boxe 3, fala sobre como outrora a Argentina foi "um pedaço da Europa na América", quando sua população tinha um elevado nível de vida. E o boxe 6 fala sobre uma instabilidade na Colômbia devido a conflitos internos, acompanhado de outro texto que trata do narcotráfico.

Fica visível, ao longo da unidade, como o livro trata a América Latina de forma homogênea e faz uma separação didática pela proximidade espacial. O autor também traz muitas questões negativas dos países, como os baixos índices socioeconômicos, ou conflitos internos, sem contrapor com aspectos positivos como, por exemplo, as políticas públicas presentes em diversos países, o que contribui para a visão de conjunto periférico da Terra.

Além disso, muitas das questões abordadas no livro estão direcionadas não só ao período da colonização dos países latino americanos, como à relação desses com os países desenvolvidos, expostas

de forma que a importância maior é dada a estes países do que realmente aos latino-americanos, tirando seu protagonismo. Tais observações são igualmente válidas para os demais livros analisados, ainda que colocadas de forma diferente, com mais ou menos informações.

Considerações Finais

Os livros didáticos, apesar de serem desejáveis no cotidiano escolar, recebem posições contrárias ao seu uso, como é mencionado por Dias, que faz uma citação a Funari (2007, p.71): "instrumentos ideologizantes que veiculam mentiras a respeito do funcionamento da sociedade, perpetuando preconceitos e as relações de poder existentes". Já para Bittencourt (1996, p.204), o livro didático é um dos instrumentos mais importantes na educação, mesmo com as controvérsias, sendo um sistema de organização do saber escolar.

De qualquer forma, Choppin (*apud* DIAS, 2009, p. 87) apresenta quatro funções essenciais dos livros didáticos: função referencial; função instrumental; função ideológica e cultural; e por último, função documental. Tendo essas funções em mente, fica mais notável a importância de uma elaboração adequada dos conteúdos que serão apresentados nos livros, talvez principalmente quando o assunto são as classes marginalizadas como é o caso da América Latina, argumento já elaborado neste texto. Também não se pode deixar de ter em mente o alcance que os livros têm, ainda que como mercadoria, e a sua proximidade de conteúdo com avaliações vestibulares.

Apesar disso, o livro sozinho não é determinante para o processo de aprendizagem e cabe também ao professor planejar a aula de acordo com a necessidade de seus alunos e adequar o livro ao seu melhor uso, propondo questionamentos em questões como as já levantadas. Os livros didáticos devem servir de apoio à aula e não como o fator principal.

Kaercher (2000, p. 136) critica o conteúdo dos livros de Geografia pelo seu formalismo excessivo que constrói a ideia que permanece até nos graduados da área de que a Geografia é um ensino árido, classificatório e distante da realidade.

Concluo então que os livros didáticos são importantes ferramentas auxiliares para as aulas, porém as análises feitas e as críticas de diversos autores ao material indicam uma necessidade de rever a forma com que o conteúdo é exposto. Os livros analisados demonstraram tratar da América Latina de forma homogênea, desconsiderando a particularidade de cada país principalmente em questões culturais e históricas. É mostrada, com grande ênfase, a influência de países "desenvolvidos" nos latino-americanos, caracterizando-os pejorativamente.

Por fim, nenhum dos livros levantou a questão da origem do termo e se este era é um recorte adequado ou não, e atribuíram os problemas atuais da América Latina ao seu período de colonização.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Excluindo da história a união de países contra imperialismo estadunidense e contra a associação aos colonizadores, o que cria uma visão de passividade.

Bibliografia

BETHELL, Leslie. (org.). *História da América Latina.* 1 ed. São Paulo: Edusp, 1997.

DIAS, Wagner da Silva. *A ideia de América Latina nos livros didáticos de geografia*. 129 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FARRET, Rafael Leporace. PINTO, Simone Rodrigues. *América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia.* Topoi, s.l. v. 12, n. 23, p. 30-42. jul.-dez. 2011.

JAMES, Preston E. *Latin America*. New York: Odissey, 1942.

MOREIRA, João Carlos. SENE, Eustáquio de. *Geografia.* 1 ed. Editora Scipione: São Paulo. 2011.

SILVA, Vagner Augusto da. *Geografia do Brasil e Geral, povos e territórios.* Escala Educacional: São Paulo, 2005. 1 ed.

SOUZA, Ailton de. *América Latina, conceito e identidade: algumas reflexões da história.* PRACS, Macapá, n. 4, p. 29-39, dez. 2011.

TERRA, Lygia. ARAÚJO, Regina. GUIMARÃES, Raul B. *Conexões, estudos de Geografia Geral e do Brasil*. 2ª ed. Moderna: São Paulo. 2013.